

Resumo Executivo

Sociabilidades Subterrâneas investigou rotas de exclusão e desenvolvimento social em favelas do Rio de Janeiro. O projeto examinou o mundo vivido da favela e o trabalho das organizações AfroReggae e CUFA com o objetivo de sistematizar e disseminar experiências positivas de desenvolvimento social.

Dirigida pela London School of Economics and Political Science – LSE, a pesquisa foi fruto de uma parceria entre o AfroReggae, a CUFA, o Instituto Itaú Cultural, a Fundação Itaú Social, a Representação da UNESCO no Brasil, e a própria LSE. O estudo contou com o apoio da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e envolveu interlocutores em universidades, movimentos sociais, governo e iniciativa privada. Cada estágio do projeto foi discutido por todos os parceiros por meio de uma metodologia que, utilizando seminários, visitas ao campo e reuniões para diálogo e discussão, buscou a participação efetiva de todos os envolvidos ao longo do processo.

O projeto compreendeu três estudos empíricos: uma investigação do mundo vivido da favela, um estudo sobre as organizações AfroReggae e CUFA e uma investigação com especialistas, observadores e parceiros do AfroReggae e da CUFA no Rio de Janeiro. O enfoque da pesquisa foi etnográfico, psicossocial e multi-método:

- Questionários e entrevistas semi-estruturadas com 204 residentes em favelas;
- Análises de documentos relativos a 130 projetos de desenvolvimento social;
- Entrevistas narrativas com 10 líderes das organizações AfroReggae e CUFA;
- Entrevistas com 16 especialistas, observadores e parceiros, com ênfase na polícia.

O trabalho de campo foi conduzido entre outubro de 2009 e abril de 2010 em quatro comunidades do Rio de Janeiro: Cantagalo, Cidade de Deus, Madureira e Vigário Geral. As comunidades foram selecionadas considerando seu lugar na cidade e seu vínculo com AfroReggae e CUFA.

O enquadre teórico do estudo centrou-se nos conceitos de sociabilidade, representações sociais, imaginação e cartografias psicossociais. Os resultados da pesquisa possibilitaram o desenvolvimento do conceito de *andaimés psicossociais*.

O contexto e problema da pesquisa

- O Rio de Janeiro é uma cidade desigual: mais de 20% de sua população vive em favelas.
- Residir em favela tem impacto negativo sobre renda, educação, gravidez na adolescência, alfabetização e mortalidade infantil.
- O enraizamento do narcotráfico nas favelas durante os anos 70 e 80 criou normas e regras paralelas nas favelas e desencadeou uma guerra territorial entre diferentes facções do tráfico de drogas e a polícia. Moradores foram pegos em meio ao conflito.
- Violência, ausência de serviços e privação socioeconômica nas favelas produziram intensa exclusão social e separação entre as favelas e demais bairros do asfalto, que ficou conhecida como a separação morro-asfalto.

- A favela tornou-se subterrânea e invisível, a diversidade de sua vida comunitária fechada por barreiras geográficas, econômicas, simbólicas, comportamentais e culturais.
- A partir dos anos 1990 novos atores sociais – jovens, negros, moradores de favelas – começam a se fazer presentes na esfera pública com respostas organizadas a pobreza, violência e segregação, desafiando modelos tradicionais de organizações não governamentais e reposicionando a favela na agenda da sociedade brasileira.

O mundo vivido na favela

Instituições sociais e a experiência do Eu

- Histórias de vida são dominadas pela experiência da pobreza, do sofrimento e da luta cotidiana: todos os participantes contam histórias de discriminação e pobreza, sofrimento, perda e luta para manter uma vida digna.
- A família é central para os moradores da favela, apesar de ser uma realidade instável em suas vidas: quase 70% dos jovens entre 12 e 17 anos relatam o pai ausente, mais de 25% relatam a mãe ausente; e quase 20% relatam pai e mãe ausentes. Ainda assim, uma família estável é considerada essencial para o Eu e para uma vida saudável. Avós e mães têm um papel central na estabilização de trajetórias de vida.
- A centralidade do tráfico de drogas é marca fundamental: durante anos, o tráfico foi provedor, legislador e organizador da vida cotidiana na favela, oferecendo um sistema paralelo de códigos comportamentais e uma rota de sobrevivência econômica e profissionalização, com o direito à cidade ditado pelos chefes do narcotráfico, que controlam fronteiras e o espaço dentro e entre comunidades. Todos os participantes relatam experiências de perda e de sofrimento causadas pelo narcotráfico.
- A polícia é a principal face do Estado, vista pelos moradores da favela como força persecutória e agressiva, uma instituição que não diferencia o residente na favela do traficante de drogas e do criminoso.
- A religiosidade e a fé são centrais na vida da favela: a maioria dos participantes relata que a crença e as práticas religiosas são meios para sustentar uma rota positiva de socialização e/ou mudar o curso da vida.
- Organizações não governamentais provêm ocupações, apoio intersubjetivo, competências e são fontes de identificação. Elas competem diretamente com o tráfico de drogas, provendo modelos e oportunidades para jovens.
- O convívio e a alegria são vitais para o mundo vivido na favela e para a experiência do Eu; há uma sociabilidade intensa na favela.
- As estruturas e ações de apoio oferecidas por modelos de identificação tangíveis, estáveis e afetivos constituem as condições necessárias para a realização de escolhas positivas e a saída do narcotráfico: chamamos essas estruturas e ações *andaimos psicossociais*.
- Andaimos psicossociais têm ação protetora contra a marginalização e podem ser oferecidos por diferentes instituições ao longo do ciclo de vida. Esses achados desafiam concepções até aqui estabelecidas de que o apoio psicossocial é uma provisão exclusiva da família nuclear e principalmente eficaz nos primeiros anos de vida.

A comunidade e a cidade

- Há um forte sentimento de pertencimento, coesão e apego ao lugar nas favelas.
- Os moradores vivem com medo do narcotráfico e da polícia, mas paradoxalmente se sentem mais seguros em suas comunidades do que no resto da cidade.
- O morador da favela evita cruzar a fronteira morro/asfalto, porque a divisão da cidade é vivida pelo Eu como fonte de estigma e discriminação.
- Existem diferenças em relação à coesão social, ao medo e à satisfação com a comunidade e a cidade entre as quatro comunidades estudadas: há uma relação importante entre lugar e experiência vivida, e contextos de pobreza não devem ser tratados como homogêneos.
- A participação no AfroReggae e na CUFA afeta a percepção dos moradores sobre sua capacidade para influenciar o que ocorre na comunidade: os que participam tendem a demonstrar maior avaliação crítica das limitações de suas possibilidades.
- Forte capital social coexiste com uma percepção aguda das divisões entre a favela e a cidade; apesar das dificuldades do contexto, as favelas mantêm um vínculo positivo com seu território e sua vizinhança.
- 93% dos participantes gostam de morar no Rio de Janeiro, mas o vínculo afetivo que liga a favela à cidade é marcado por representações ambivalentes que veem o Rio como cidade maravilhosa /cidade violenta.
- Moradores de favelas lidam com a cidade partida, desenvolvendo dois conjuntos de representações: a cidade é percebida como um lugar regulado por leis ambíguas, onde se é visto como um “indivíduo” desconhecido; a favela, pelo contrário, tem regras claras, onde se é visto como pessoa conhecida, com uma rede de apoio formada pela família e pelos amigos.

Transição nas relações polícia-favela

- O policiamento no Rio de Janeiro está mudando, evidenciado no trabalho das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). A polícia está buscando transformar estereótipos e a natureza de sua relação com as comunidades populares.
- Mais da metade dos participantes que mencionaram as UPPs as veem de forma positiva (55%), enquanto 21% têm uma percepção negativa, 13% sentem-se ambivalentes e 11% pensam que nada mudou.
- O medo e a esperança são sentimentos que coexistem na comunicação entre as favelas e a polícia.
- Ainda há um caminho considerável a seguir para mudar as representações forjadas pela negatividade das experiências entre a polícia e as favelas. Ambos os lados estão construindo um diálogo que busca a transformação de suas relações.

O AfroReggae e a CUFA

Quem são?

- AfroReggae e CUFA são organizações híbridas que combinam elementos de ONGs, movimentos sociais, empresários, produtores culturais, artistas e trabalhadores sociais; são produto da favela e estão profundamente enraizadas em seu mundo vivido.
- As trajetórias de vida de seus líderes e ativistas são análogas às dos residentes das favelas e esse fato define sua identidade e ação; suas trajetórias operam como histórias-espelho, que refletem rotas amplamente encontradas nessas comunidades: a experiência do fracasso, da perda, do sofrimento e do levantar-se e seguir em frente.
- “Contar a vida” constitui uma metodologia central usada como alavanca, como plataforma de identificação e como exemplo de sobrevivência e determinação, como depósito de esperanças e futuros possíveis.
- Especialistas, observadores externos e parceiros veem AfroReggae e CUFA como organizações inovadoras, que estabelecem agendas e projetam atores periféricos no centro da esfera pública brasileira.
- AfroReggae e CUFA agem dentro da favela e no resto da cidade; buscam o desenvolvimento individual e comunitário, bem como a comunicação entre a favela e a cidade.

O que estão fazendo? Método de trabalho

- A primeira inovação metodológica é a atenção às trajetórias individuais e ao Eu como uma ferramenta e estratégia de desenvolvimento comunitário: participantes relatam que oficinas, treinamento e atividades artísticas oferecem estrutura ao cotidiano, competências e habilidades, bem como apoio ao Eu. Os programas que visam ao desenvolvimento de competências sociais e à empregabilidade reforçam a socialização positiva e a integração social.
 - a) Oferecem andaimes psicossociais: estruturas e ações intersubjetivas de apoio que sustentam o Eu como força de integração social.
 - b) Investem no Eu como recurso central para o desenvolvimento social, e assim contribuem para o desenvolvimento da esfera pública, pois a mudança social requer indivíduos que entendem a si mesmos como agentes de mudança e acreditam em sua capacidade para agir como protagonistas de suas próprias vidas.
- A segunda inovação metodológica reside nas tecnologias sociais da imaginação: AfroReggae e CUFA utilizam-se das artes, da cultura, da imaginação e da criatividade para subverter estereótipos, conectar espaços urbanos e tornar visível a cultura da favela para a cidade, para o país, e mais recentemente, para o mundo.
 - a) Os recursos da cultura local, e mais especificamente da herança negra brasileira, são identificados e utilizados como ferramentas de restabelecimento e desenvolvimento social: a sociabilidade, a alegria e a festa tornam-se instrumentos utilizados contra o sofrimento e a exclusão.
- A terceira inovação metodológica são travessias e mediações: AfroReggae e CUFA constroem parcerias inusitadas com movimentos sociais, mídia, Estado e setor privado, criando novas leituras sobre comunidades populares e colocando a favela na agenda da cidade.

- a) AfroReggae e CUFA agem como mediadores de conflitos no território da favela: garantem acesso à favela e comunicam-se tanto com o narcotráfico como com a polícia.
- b) Regeneram o meio ambiente construído na favela e constroem espaços de sociabilidade na cidade: exemplos são o Centro Cultural Waly Salomão, construído pelo AfroReggae em Vigário Geral, e o Viaduto da CUFA em Madureira.

Desafios e riscos

- Sustentabilidade e desenvolvimento de competências: o crescimento rápido desafia as estruturas e as competências disponíveis para relacionar-se com parceiros e responder a uma agenda de intervenção mais ampla.
- Cooptação versus cooperação: trabalhar com o Estado e com mercados pode acarretar perda de conexão com a base e com os objetivos iniciais do movimento.
- Estilo de liderança e cultura organizacional: a distribuição de autoridade e continuidade de pessoal constituem desafios; ambas as organizações se apoiam em lideranças fortes e colocam carisma no centro de sua cultura organizacional. AfroReggae apoia-se em uma estrutura centralizada e hierárquica, e CUFA atravessa um processo de distribuição de liderança e construção de redes.

As rotas das sociabilidades subterrâneas

- A relação contexto-indivíduo é essencial para entender as rotas de socialização das sociabilidades subterrâneas.
- O residente da favela habita um mundo à parte, com instituições frágeis perante a presença de um empreendimento ilegal (o tráfico de drogas), que, até recentemente, oferecia uma ordem pública paralela ao Estado.
- A maioria esmagadora da população da favela trabalha, luta para manter-se dentro da legalidade e demonstra determinação para escapar ao apelo do narcotráfico. O capital social, o convívio e a coesão social contribuem para esse fim, mas o contexto favela coloca desafios imensos para trajetórias de vida.
- Cartografias psicossociais mostram que existem fronteiras diferentes entre as favelas e a cidade: quanto mais flexível a fronteira, maior são os horizontes do Eu e as redes disponíveis para o desenvolvimento e a identificação.
- Resultados mostram que é possível resistir ao ambiente e reafirmar a autonomia do Eu: a resistência a atividades criminosas é possível e disseminada no mundo da favela.
- A resiliência e a capacidade para desafiar o contexto se apoiam sobre andaimes psicossociais, que moderam as necessidades de pertencimento, trabalho e consumo, bem como o sofrimento e a pobreza que empurram os sujeitos para a rota do narcotráfico.
- O AfroReggae e a CUFA oferecem andaimes psicossociais e desenvolvem novas rotas de cidadania e integração entre a favela e a cidade.
- Andaimes psicossociais abrem rotas para escapar do crime e contribuem para redimensionar o Eu em termos cognitivos, emocionais e sociais.
- AfroReggae e CUFA são organizações que agem como família, Estado, e até mesmo como setor privado, dando apoio, desenvolvendo competências, organizando empregos e gerando

um novo conjunto de representações sociais positivas sobre a favela e sobre a cidade como um todo.

- Flexibilidade e porosidade em fronteiras urbanas estão diretamente ligadas ao alargamento do Eu, a regeneração de territórios de exclusão e a devolução do direito à cidade para os moradores da favela. Manter fronteiras abertas contribui para a transformação de identidades e o desenvolvimento da cidadania. Essas ações conectam uma sociedade dividida e revertem a formação de guetos, que isolam e bloqueiam o potencial criador das múltiplas identidades e encontros disponíveis na cidade contemporânea.

Conclusões e recomendações

Fatores sociais e individuais interagem na determinação de escolhas e decisões na rota da socialização.

- Pesquisar a psicologia da pobreza e necessidades individuais, motivações e aspirações que mediam escolhas em contextos de privação.
- Não responsabilizar o sujeito pobre pela sua pobreza: os dados demonstram que o contexto social é fator decisivo em trajetórias individuais; trajetórias de vida não são algo que indivíduos determinam sozinhos.
- Trabalhar simultaneamente os níveis macro e micro, prestando atenção tanto a indivíduos como a comunidades.

Andaimes psicossociais são fontes de resiliência em contextos de privação e podem ser fornecidos por múltiplas instituições.

- Assistir e investir em famílias, mesmo que estas sejam frágeis.
- Enfatizar a educação de meninas e criar programas de apoio a mulheres.
- Construir modelos masculinos de identificação, fortalecendo a posição do pai ou outros cuidadores homens na rota da socialização.
- Aumentar o alcance e a qualidade dos serviços no território da favela, em particular a educação.

As organizações da favela e os movimentos sociais oferecem lições e direções que devem ser escutadas

- Utilizar ações e projetos criados na base como modelo e envolver o Estado para aumentar sua escala, introduzindo mais serviços e oportunidades para o morador da favela.
- Trabalhar com as organizações da favela no desenho e na implementação de políticas sociais, sem esperar que essas organizações compensem a ausência do Estado e seus serviços.
- Envolver o setor privado no contexto da economia da favela e considerar a ética de desenvolver negócios em territórios de exclusão social.

As sociabilidades subterrâneas são mutáveis e podem ser transformadas pela ética do cuidado e por políticas sociais: as pessoas podem e mudam o curso de suas vidas.

- Oferecer plataformas para que os jovens escapem de territórios fechados e construam novas identidades.
- Desenvolver narrativas que veiculem bons futuros, sonhos e aspirações.
- Investir em pesquisa que documente as percepções e o pensar de jovens excluídos, seus modelos, sonhos e aspirações.

- Reconhecer que não há identidade pura e homogênea: existem múltiplas camadas de identificação em todos os seres humanos, bem como em diferentes territórios e instituições na cidade.

Lições e questões para reflexão

- A eficácia de organizações como AfroReggae e CUFA advém da cultura, da identidade e da sabedoria das comunidades a que pertencem e representam.
- As respostas que as sociabilidades subterrâneas constroem para resistir à exclusão social oferecem à cidade um exemplo de cidadania e caminhos de ação.
- O capital social do Brasil e sua capacidade para construir tecnologias sociais inovadoras e bem-sucedidas são forjados por múltiplos atores nas colaborações e nas parcerias da esfera pública democrática.
- Esse modelo de desenvolvimento social deriva sua eficácia da sabedoria local e da solidariedade social de gente que vive uma vida sofrida e difícil, enfrenta pobreza e violência, e ainda assim se mantém esperançosa e otimista sobre sua comunidade e seu futuro.
- As tecnologias sociais da imaginação são ferramentas efetivas do desenvolvimento social: um coquetel de atividades em torno da arte e da cultura, da sociabilidade e da solidariedade tem poder para contrapor-se a experiências de exclusão, e estimular a mobilização comunitária para a mudança social.
- O modelo carioca de desenvolvimento social é replicável, porque ele se fundamenta em dimensões universais: o potencial do Eu humano como protagonista de vida, o poder da imaginação criadora e o valor do diálogo como ferramenta para manejar o conflito e a diferença.
- Essas ações desafiam as políticas públicas: de que forma articular iniciativas sociais com o setor privado e o Estado para desenvolver a escala de serviços e levar educação, transporte, saúde, bancos e comércio para a favela, bem como engajar a cultura da favela que é, em última instância, a cultura do Brasil, são questões que vão requerer respostas do Estado, do setor privado e de toda a sociedade brasileira.
- Reconhecer o potencial da economia, da cultura e dos residentes da favela requer políticas sociais e compromisso com a inclusão social, sem os quais o desenvolvimento brasileiro será sempre parcial.